

MOVIMENTOS PURI EM MINAS GERAIS: TERRITÓRIOS HÍBRIDOS E RECONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS

Elizabeth de Paula Pissolato¹ e

Lucas Pêgas Avellar Coelho²

Resumo: O intuito deste trabalho é apresentar eixos do movimento de retomada Puri em Minas Gerais, destacando feições particulares que essa “retomada indígena” em rede vem assumindo. Interessa-nos refletir sobre modos de territorialidade elaborados nesse contexto, englobando tanto a retomada de locais de referência de antepassados indígenas quanto a construção do que temos entendido como uma nova territorialidade, digital, capaz de mobilizar e produzir-revitalizar-registrar práticas e conhecimentos.

Palavras-Chave: Minas Gerais, Povos Indígenas, Puri, Retomada

¹ Docente no Departamento de Ciências Sociais e Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. E-mail: elizabeth.pissolato@gmail.com.

² Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. E-mail: lupeavco@gmail.com

INTRODUÇÃO

A partir do final do século XX e início do século XXI, a autodeclaração como indígena Puri tem se intensificado significativamente em cidades do Sudeste brasileiro. Esse movimento de retomada identitária se manifesta de diversas formas, incluindo a incorporação do sobrenome “Puri” em perfis de redes sociais e a autodeclaração em pesquisas censitárias, resultando no registro de 675 indivíduos Puri no censo de 2010 (IBGE, 2010).

A presença digital dos Puri cresceu exponencialmente na última década, com a criação de grupos em plataformas como Facebook, Instagram, Youtube e WhatsApp, que servem como espaços de expressão, discussão e divulgação da causa. Eventos presenciais, como seminários, festivais e reuniões, ocorrem em alguns municípios como o Rio de Janeiro e também em Viçosa, Barbacena e Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais. A articulação entre esses grupos e as universidades, como a Universidade Federal de Viçosa (UFV), é fortalecida por eventos como a Troca de Saberes anual no campus desta instituição, que se tornou um ponto de encontro para os Puri geograficamente dispersos.

Em nossa pesquisa, focamos em Minas Gerais, destacando a população indígena do Estado nos dois últimos censos. Embora ainda não tenhamos dados detalhados sobre língua e etnia do Censo de 2022, o panorama geral indica um aumento da população indígena em Minas Gerais, passando de 31.677 em 2010 para 36.699 em 2022. Mais de 60% dessa população reside em áreas urbanas (IBGE, 2022).

No que se refere à presença Puri, que contabilizou 675 pessoas autodeclaradas no estado no censo 2010, é relevante observar o percentual de indígenas em cidades onde as retomadas Puri são significativas. Em Araponga, por exemplo, 172 pessoas se autodeclararam indígenas em 2022, representando 2,14% da população local, um índice consideravelmente superior à média estadual de 0,18%. Outras cidades com presença Puri, como Barbacena (0,12%), Juiz de Fora (0,10%) e Viçosa (0,17%), também exibem índices de autodeclaração relevantes (IBGE, 2022).

No presente trabalho³, buscamos seguir alguns percursos de retomadas Puri, que extrapolam as fronteiras de Minas. Como veremos, as articulações que constituem os

³ O trabalho é fruto de pesquisa etnográfica e projeto de extensão em desenvolvimento na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) desde 2023, que vem acompanhando o crescimento da autodeclaração como Puri de pessoas nas cidades da região, o ativismo puri na Internet sob variadas formas, o surgimento de demandas por reconhecimento étnico pela Funai visando o acesso a políticas públicas, e os modos coletivos de organização da rede Puri em articulação com universidades e prefeituras. A reflexão compõe também uma dissertação de mestrado em preparação.

movimentos Puri contemporâneos envolvem o trânsito de pessoas e de conhecimentos, além de novas formas de constituição de territórios. Isso não impede, por outro lado, o surgimento de mobilizações locais para acesso a políticas públicas, conforme constataremos.

UMA NOTA SOBRE O TERMO RETOMADA

Em regiões como o Vale do Paraíba, a Zona da Mata Mineira e o Campo das Vertentes, marcadas por intensos processos de desterritorialização desde o período colonial que inviabilizaram a manutenção de terras e a vida comunitária indígena, as retomadas étnicas Puri se manifestam de diversas formas: em âmbito pessoal, familiar ou por meio de movimentos coletivos. Essas retomadas frequentemente envolvem o resgate de memórias familiares, a investigação de locais historicamente habitados pelos indígenas e o fortalecimento de saberes ancestrais.

O termo retomada, adotado pelos movimentos indígenas no Brasil, abrange uma ampla gama de políticas de contra-colonialidade. Além da recuperação de terras e o direito de viver nelas conforme suas tradições, a retomada engloba a reapropriação e a reinvenção de tecnologias, conhecimentos e recursos que servem como ferramentas de resistência e sobrevivência na contemporaneidade. Assim, as retomadas indígenas no Brasil atual são multifacetadas, abrangendo desde a luta por reconhecimento étnico pelo Estado, a revitalização de línguas nativas, o resgate de artes e conhecimentos tradicionais, até a criação de museus e a produção de cinema indígena. A complexidade desse processo inclui, ainda, retomadas em âmbito pessoal, fenômeno crescente em contextos urbanos, que pode envolver tanto a afirmação de uma identidade étnica específica quanto a reivindicação genérica de uma “ancestralidade indígena”⁴ (Pissolato e Oliveira-Castro, 2023).

A seguir, serão apresentados alguns percursos das retomadas Puri e seus desdobramentos em cidades de Minas Gerais.

ENTRE O RIO DE JANEIRO E ARAPONGA

A presença Puri na contemporaneidade se manifesta através de um complexo mosaico de movimentos de retomada, que conectam iniciativas urbanas e rurais. As articulações entre ativistas indígenas da ocupação multiétnica do antigo Museu do Índio no Rio de Janeiro - que

⁴ Um aspecto a se destacar no âmbito das retomadas Puri é a simultaneidade da ancestralidade indígena e da ancestralidade negra assumida por alguns participantes dos movimentos.

posteriormente se tornaria a Aldeia Maraká'ná - e grupos que experimentavam maneiras de retomar a língua, cantos e danças Puri em Araponga (MG) exemplificam essa dinâmica.

A trajetória pessoal de Dauá Puri⁵, nascido em Paraíba do Sul (RJ) mas enraizado no Rio, conectou o movimento indígena urbano carioca com o movimento indígena rural da Zona da Mata mineira. Após integrar a ocupação da Aldeia Maracanã em 2006 em busca de suas raízes indígenas, Dauá viajou para Araponga em 2008. Ali, encontrou figuras como Jurandir Puri que fazia experimentações com palavras da língua Puri a partir do vocabulário registrado pelo viajante Alberto de Noronha Torrezão e publicado em 1889 em revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, além de praticar cantos e a Dança de Caboclos, tradição herdada de seu pai. Ao retornar à Aldeia Maracanã, as descobertas de Dauá foram compartilhadas e a cultura Puri foi reconhecida pelas diversas etnias ali presentes. Dauá deu início à uma prática de retomada da língua Puri pela feitura de cantos.

A partir de 2012, conflitos entre a ocupação e o governo do estado se intensificaram. Neste ano, o movimento Puri recebeu um impulso significativo com a consolidação de ferramentas de comunicação e revitalização linguística. O pedagogo e pesquisador Willer Barbosa⁶, membro do Grupo de Estudos Indígenas e Povos Originários (Geipó) da Universidade Federal de Viçosa (UFV) incentivou os Puri presentes na ocupação à criar um meio de comunicação para alcançar os Puri especialmente dispersos pela região Sudeste. Essa iniciativa levou a criação do Grupo Puri no Facebook, o primeiro de muitos que viriam depois.

[O] Grupo Puri nasceu de uma iniciativa de Dauá Puri no encontro das origens do Povo em pesquisas realizadas no Rio de Janeiro e em Minas Gerais na cidade de Araponga onde encontra Nenem Lupim, Jurandir

⁵ Dauá conversou com Julia Flecher, nossa parceira de pesquisa no projeto da UFJF, em dezembro de 2023, sobre os “inícios do movimento” na aldeia Maracanã. Ele também conta um pouco dessa história em seu TCC de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza e Agroecologia (Licena/UFV) intitulado *Cultura indígena do sudeste, memória e sua guarda: os Puri e sua identidade (2017)*. Dauá é atualmente uma presença marcante em eventos artísticos e culturais com referência aos Puri. É constantemente convidado para participações em eventos universitários, de associações culturais e seminários de instituições como o Museu Nacional dos Povos Indígenas (Museu do Índio, 2025).

⁶ Referência para as retomadas Puri, a tese de doutorado em Educação de Willer Araújo Barbosa pela UFSC intitulada *Cultura Puri e educação popular no município de Araponga, Minas Gerais: duzentos anos de solidão em defesa da vida e do meio ambiente (2005)*, analisa o que chama de ressurgimento da identidade étnica Puri na região de Araponga (MG) como um processo de resistência cultural frente ao silenciamento colonial. O autor demonstra como a criação do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro em 1996, com a participação da coletividade local, foi um catalisador para que um orgulho coletivo de camponeses por sua identidade indígena Puri aflorasse, especialmente diante da ameaça de uma possível desapropriação de terras. Para o autor, a partir da educação popular e da ecopedagogia, os Puri da região reconfiguram sua identidade em oposição às formas hegemônicas de apagamento histórico.

Puri. No Rio os primeiros passos com Niara, Carmel, Sonia, Sol, Zelia, Daniel, Emerson, Bruno e foram chegando, chegando parentes todos interessados na cultura do nosso povo, convocado Willer Barbosa veio pra Aldeia Maracanã e na praça de Niterói ele falou de construirmos um meio de comunicação, então fizemos a página do face. A lista já é grande, não dá pra falar de todos, mas todos são importantes, pois essa tarefa de organização é de todos, por isso vamos botar mãos na massa e nos organizarmos, propormos ideias de como juntos possamos construir essa história... (Grupo Puri, 2012).

No mesmo ano, o historiador e pesquisador Marcelo Lemos⁷ finalizou a primeira edição do vocabulário de palavras Puri, que haviam sido registradas por figuras históricas como viajantes e naturalistas, auxiliando a retomada linguística em curso.

Em 2013, o despejo da ocupação levou parte dos indígenas, incluindo alguns Puri, para a Aldeia Vertical no bairro Estácio, um conjunto de apartamentos que se tornou um novo território de organização e vida comunitária, onde Dauá passou a residir. A partir desse novo espaço, o interesse de Dauá em disseminar a cultura Puri se deu em iniciativas educativas, artísticas, musicais e museológicas. Entre 2017 e 2018, participou da exposição “Dja Guata Porã” no Museu de Arte do Rio (MAR), contribuindo para a formação de um primeiro acervo Puri. Em 2021, um edital da Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro possibilitou a criação do Museu da Cultura Puri, localizado no próprio apartamento de Dauá na Aldeia Vertical. O museu expõe objetos Puri e indígenas em geral, incluindo poemas, cantos, fotografias e artesanatos feitos pelos Puri em retomada.

A CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIOS HÍBRIDOS

A atuação contemporânea dos movimentos de retomada Puri se manifesta intensamente no ambiente digital, que se consolidou como um território estratégico para a presença, conexão e articulação de pessoas que se reconhecem como Puri. As redes sociais, principalmente o Instagram na atualidade, pelas páginas tanto de grupos como também pelos perfis pessoais, funcionam como plataformas para a expressão e o fortalecimento étnico, estético e político dessa identidade. Exemplos de grupos que se destacam nas redes sociais são

⁷ Também referência para as retomadas Puri, a dissertação de mestrado em História de Marcelo Sant’Ana Lemos, intitulada *O índio virou pó de café?: a resistência dos índios Coroados de Valença frente à expansão cafeeira no Vale do Paraíba 1788-1836 (2004)*, demonstrou como a economia do ouro e posteriormente a economia do café contribuíram para o silenciamento e desterritorialização de populações indígenas que habitavam o Vale do Paraíba, como os Puri e Coroados.

o Movimento de Ressurgência Puri (MRP)⁸, O Movimento de Resistência Teyxokawa Puri⁹ e o Movimento de Retomada Puri Uxo Txori¹⁰, que mantêm páginas ativas com milhares de seguidores, evidenciando a vitalidade dessas iniciativas no meio digital.

A emergência de diversos grupos demonstra a complexidade e a efervescência das retomadas Puri no cenário híbrido, físico e digital. O Movimento de Ressurgência Puri (MRP), formalizado em 2014 durante a VI Troca de Saberes, trata-se do grupo formal mais antigo. É mais próximo do movimento indígena ligado à Associação Indígena Aldeia Maracanã (AIAM), a Aldeia Vertical, tendo auxiliado na obtenção de direitos estudantis de autodeclarados Puri em cursos de graduação e pós-graduação e participado ativamente de feiras e eventos culturais, além de atuar politicamente em atos do movimento indígena nacional e por articulações Puri localizadas a partir da criação de regionais do movimento (Serra dos Puri, Baixo Paraíba do Sul, Bacia do Rio Doce, Bacia do Rio Preto e Campos das Vertentes).

O Movimento de Resistência Puri ou Teyxokawa Puri, fundado em 2015, representa outro campo dessa articulação geral. O grupo está ligado aos indígenas que retomaram a ocupação do antigo Museu do Índio após o despejo de 2013, dando origem ao movimento Resistência Aldeia Maraká'ná. É responsável pela criação, em 2017, do Projeto Txemim Puri, focado na dinamização da língua para conversação, culminando na elaboração do vocabulário *Kwaytikindo* em 2019, construído com o uso também de palavras de vocabulários Coroados e Coropós, além do Puri. O grupo utiliza rodas de conversa e encontros online para práticas de retomada linguística (ver Puri, 2020 e Puri et al, 2020).

O Movimento de Retomada Puri Uxo Txori se formou durante a pandemia de Covid-19 na cidade de Viçosa (MG) no intuito de organizar os indígenas locais para garantir acesso prioritário às vacinas. Também busca direitos e políticas públicas para os Puri locais, com pautas como a igualdade racial e cotas para indígenas no serviço público municipal. O grupo tem organizado anualmente na cidade o evento *Kanduna Puri*, que celebra a cultura e os saberes ancestrais por meio de cantos, apresentações, oficinas e partilha de alimentos.

⁸ Acesso às redes do Movimento de Ressurgência Puri (MRP) em: Facebook (https://www.facebook.com/ressurgencia.puri?locale=pt_BR); Instagram (<https://www.instagram.com/ressurgenciapuri/>); Youtube (<https://www.youtube.com/@RessurgenciaPuri>).

⁹ Acesso às redes do Movimento de Resistência Puri ou Teyxokawa em: Facebook (<https://www.facebook.com/resistencia.puri/>) Instagram (<https://www.instagram.com/resistenciaindigenapuri/>) Youtube (<https://www.youtube.com/@teyxokawapuri7470/featured>)

¹⁰ Acesso às redes do movimento Retomada Puri Uxo Txori em: Instagram (<https://www.instagram.com/retomadapuri/?hl=pt>)

O Centro de Memória do Povo Puri (CMPP), inaugurado em 2020, com sua página no Instagram¹¹ e um site¹² que reúne acervos documentais, fotográficos, audiovisuais, além de artigos e produtos artesanais, atua como um repositório da memória Puri e uma ferramenta de conexão com a ancestralidade. Concebido durante a XI Troca de Saberes da UFV em 2019, o CMPP, através de seu Coletivo Curador, organizou o site com uma identidade visual autoral baseada em elementos tradicionais Puri, como as sementes da árvore Sapucaia, que representam diferentes áreas de conhecimento e acervo. Sua apresentação no Fórum Virtual de Museus Indígenas em 2020 (TV ABA, 2020) ressaltou seu papel na preservação da memória e na promoção da troca de saberes entre Puri espacialmente dispersos.

Se, de início, a Internet se apresenta como espaço estratégico para presença e conexão de centenas de pessoas que estão se reconhecendo Puri e elaboram modos de expressão e de fortalecimento étnico, estético, político desta identidade, a conexão em rede digital parece associar-se também a diferenças de perspectivas construídas pelos movimentos de retomada. Assim, se a Internet se revela como um espaço primeiro de construção identitária puri - e aqui destacamos a presença de uma grande variedade de perfis pessoais puris nas redes sociais, bem como o papel da arte e da performance nessa elaboração identitária, por outro lado, a Internet tem sido também um território de disputas e negociações entre os movimentos e suas perspectivas diversas. Uma das discussões no ambiente digital diz respeito à língua Puri, opondo em alguns momentos diferentes abordagens de revitalização linguística. Essas tensões indicam uma disputa em torno dos conhecimentos e do “patrimônio Puri”, seja ele linguístico ou cultural

RETOMANDO LUGARES PURI

Aqui chegamos a um outro eixo das retomadas puri. As redes de relações e de saberes que vêm se construindo, ao mesmo tempo que marcam a presença Puri na Internet, em alguns casos buscam a retomada de lugares físicos como sendo Puri. Frequentemente esses lugares conectam presença histórica e contemporânea de “remanescentes” Puri (ver a seguir), mobilizando práticas e conhecimentos locais em sua (re)existência.

Um contexto com feições particulares se forma em torno de Padre Brito, distrito de Barbacena, no Campo das Vertentes, Minas Gerais. Nesse local o processo de retomada e reconstrução identitária inicia-se no seio de um grupo de parentes. A família de Dona Geni

¹¹ Instagram do CMPP em: <<https://www.instagram.com/centrodememoriapuri/>>

¹² Site do CMPP em: <<https://povopuri.wixsite.com/memoriapuri>>

Trindade de Oliveira Nascimento, moradora do distrito, tem lutado pelo reconhecimento da ascendência indígena Puri na comunidade, registrando memórias familiares e buscando resgatar e fortalecer conhecimentos de seus antepassados. Vivendo há cerca de sessenta anos no distrito, Dona Geni, cujos descendentes somam mais de quarenta pessoas entre filhos, netos e bisnetos, lembra que nos tempos antigos a família “morava no mato” até se estabelecer ali. Conta de seu pai, o sr. Tião Trindade, que “trabalhava de lenheiro, roçava pasto, picava lenha, esgotava córrego, fazia isso tudo e também praticava a medicina ancestral [...]” (Ponto de Cultura Sétimo Degrau, 2024).

Em 2016 a família criou a Associação Regional da Comunidade Remanescente de Índios Puri de Padre Brito. Desde então, passou a lutar pelo reconhecimento da comunidade indígena de Padre Brito por parte da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai). O poder público municipal de Barbacena também contribuiu para o fortalecimento do movimento indígena no distrito. O Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico de Barbacena (COMPHA) reconheceu os "Remanescentes Puri de Padre Brito" como patrimônio cultural imaterial do município. (Decreto Municipal nº 7.937/2016). No ano seguinte, em 2017, o Festival da Cultura Indígena Puri foi incluído no calendário oficial de festas do município, por decreto do então prefeito de Barbacena (Decreto 8.286) (ver Nascimento, 2021 e Pissolato et al, 2024).

A visibilidade do distrito e de seus "remanescentes puri" tem sido ampliada por meio de produções audiovisuais e reportagens de TV, que circulam na internet, tornando Padre Brito um ponto de referência para os Puri.

A segunda edição do Festival, realizada em 2018, mobilizou a comunidade e atraiu ativistas e pesquisadores de outras cidades, como um grupo de estudantes de antropologia da UFJF (incluindo Julia Flecher de nossa equipe de pesquisa) e ativistas Puri do Rio de Janeiro. O festival se tornou uma oportunidade para "reunir remanescentes" de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo, conforme declarado por uma visitante ligada ao movimento Resistência Teyxokawa Puri (Jornal Expresso de Barbacena, 2018).

O que é interessante destacar aqui são as conexões e desdobramentos a partir da Associação Regional da Comunidade Remanescente de Índios Puri de Padre Brito. Através desta associação, a família de Dona Geni, articulada com apoiadores como pesquisadores da região e secretarias do município de Barbacena, inicia uma interlocução com a Funai Regional com vistas ao reconhecimento étnico da comunidade como Puri.¹³

¹³ Nossa equipe vem tentando contato com a FUNAI pela Coordenação Regional de Minas Gerais e Espírito Santo (FUNAI/CR-MGES) para informações e acompanhamento deste processo.

A retomada, neste caso, conforme observamos em pronunciamentos de participantes do movimento de Padre Brito (ver Kling, 2018 e Estação Minas, 2021), articula diretamente carências do distrito no campo da saúde, trabalho e educação com a expectativa de acesso a políticas públicas voltadas aos indígenas no Brasil. A retomada aqui conecta diretamente reconstrução identitária com reconhecimento de direitos.

MÚLTIPLOS TERRITÓRIOS PURI E A BUSCA POR DIREITOS: O INÍCIO DE UM MOVIMENTO EM JUIZ DE FORA

Como temos visto, territórios puri compreendem múltiplos processos e a construção de redes de relações que conectam pessoas, conhecimentos e práticas. Essas conexões se manifestam tanto em espaços digitais, como redes sociais e sites, quanto em encontros físicos, como em universidades, praças e outros espaços públicos em cidades e bairros, além de distritos rurais que constituem ou se reconstituem como lugares (de referência) Puri.

Na cidade do Rio de Janeiro pelo menos duas inscrições espaciais relacionadas às retomadas Puri merecem destaque: a Aldeia Maraká'ná, resultado da ocupação do antigo Museu do Índio no bairro Maracanã, e a Aldeia Vertical, no bairro Estácio. Esta última, um conjunto de apartamentos, passou a abrigar o Museu da Cultura Puri a partir de 2021.

As cidades de Viçosa e Barbacena, em Minas Gerais, igualmente não podem mais ignorar a presença dos indígenas que as circundam ou habitam suas ruas. Em Viçosa, o contexto da pandemia de Covid-19 impulsionou uma nova organização coletiva, o Movimento Retomada Puri Uxo Txori. Surgido da busca por acesso prioritário à vacina, esse movimento organiza anualmente o Festival *Kanduna* Puri, que significa "acender" na língua Puri, e recebe apoio da Prefeitura de Viçosa (ver Puri Uxo Txori, 2023, 2025 e Secult Viçosa, 2024).

Em Juiz de Fora, o movimento Puri que vem se organizando, articulando participantes de dois grupos distintos da retomada Puri¹⁴, inaugura um momento importante do reconhecimento indígena em nível municipal.

Os Puri de Juiz de Fora tiveram assento na 1ª Conferência Municipal de Direitos Humanos, propondo dois eixos voltados aos indígenas que vivem na cidade¹⁵. Um deles sugere um mapeamento participativo intercultural que inclui povos originários na cidade. Essa tarefa

¹⁴ Tratam-se de membros dos grupos Ambo Taheantah <<https://www.instagram.com/ambotaheantah/>> e Krauma Puky <<https://www.instagram.com/kraumapuky/>>.

¹⁵ Informações fornecidas pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos da cidade de Juiz de Fora.

deverá ser realizada por meio de uma parceria entre a Prefeitura e a Universidade Federal de Juiz de Fora. A segunda proposta delinea a criação de uma aldeia vertical. A ideia é que essa estrutura sirva como um espaço de acolhimento para indígenas que estejam vivendo ou transitando pela cidade, permitindo que mantenham seus modos de vida e combatam a perda de identidade e cultura.

No momento em que preparamos este texto, nos organizamos justamente para o início desta parceria, que deverá nos desafiar na produção de um censo municipal, na prática de uma antropologia colaborativa e voltada para a produção de políticas públicas para as populações indígenas em meios urbanos. Aqui nossa grande expectativa de escuta sobre as experiências (que serão) compartilhadas neste GT.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Willer Araújo. **Cultura Puri e educação popular no município de Araponga, Minas Gerais: Duzentos anos de solidão em defesa da vida e do meio ambiente**. Tese de doutorado em Educação, UFSC, Florianópolis. 2005.

DA SILVA, Dauá José. **Cultura Indígena do Sudeste, memória e sua guarda: os Puri e sua identidade**. TCC, Licenciatura em Educação do Campo – habilitação em ciências da natureza e agroecologia, UFV, 2017.

ESTAÇÃO MINAS. **III Festival da Cultura Indígena Puri de Padre Brito**. 20 de abr. de 2021.

Youtube. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=5079AzoaKCQ&t=3s&ab_channel=Esta%C3%A7%C3%A3oMinas>. Acesso em: 28 de jun. de 2025.

GRUPO PURI. **Sobre este grupo**. Rio de Janeiro. 18 de ago. de 2012. Facebook. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/groups/270368696406558/>> Acesso em: 10 de abr. de 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**.

Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>.

. **Censo Demográfico 2022**.

Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>.

JORNAL EXPRESSO DE BARBACENA. **2º Festival da Cultura Indígena Puri Padre Brito Barbacena MG 2018**. 23 de abr. de 2018. Youtube. Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=1Uf2Ij4xxk4&ab_channel=JORNALEXPRESSODEBARBACENA>. Acesso em: 28 de jun. de 2025.

KLING, Marlan. **Descendentes de índios Puri lutam para resgatar a origem em Barbacena.** In: MGTV 1ª Edição. Barbacena: TV Integração, 2018. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/6678033/?hl=pt-BR>.

LEMOS, Marcelo. **O índio virou pó de café? A resistência dos índios Coroados de Valença frente à expansão cafeeira no Vale do Paraíba (1788-1836).** Dissertação de mestrado em História, UERJ, Rio de Janeiro. 2004.

MUSEU DO ÍNDIO. **Roda de conversa "Museus Indígenas no Território" (23ª Semana Nacional de Museus).** 23 de mai. de 2025. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RcCnxZj6liU&t=29s&ab_channel=Museudo%C3%8Dndio
> Acesso em: 05 de jun. de 2025.

NASCIMENTO, Letícia Bispo do. **Patrimônio cultural e práticas de re-existência comunidade de remanescentes do povo Puri do distrito Padre Brito, Barbacena-MG.** Monografia. Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Centro Universitário Presidente Antônio Carlos - UNIPAC, Barbacena, 2021.

PISSOLATO, Elizabeth; FLECHER, Julia; PÊGAS, Lucas. **Retomada étnica Puri: movimentos entre Rio de Janeiro e Minas Gerais.** In: 6o SIMPÓSIO CIENTÍFICO DO ICOMOS-BRASIL: Patrimônio e direitos humanos, Juiz de Fora, 2024.

PISSOLATO, Elizabeth; OLIVEIRA-CASTRO, Andréa. (ORG.). **Políticas ameríndias de contra-colonialidade no século XXI.** 1 ed. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2023.

PONTO DE CULTURA SÉTIMO DEGRAU. **Sombras da Memória - Parte VI | Dona Geni Trindade Puri.** 09 de set. de 2024. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=avlo8B1wa7k&ab_channel=PontodeCulturaS%C3%A9timoDegrau
> Acesso em: 28 de jun. de 2025.

PURI, Txâma Xambé. **A repercussão do movimento indígena Aldeia Maraká'ná em ações de emergência identitária indígena em contexto urbano na cidade do Rio de Janeiro (2006-2018) - Txemím Puri - Povo Puri: O "caminho de volta".** Revista Concinnitas, v. 21, n. 37, Rio de Janeiro, 2020.

PURI, Txâma Xambé; PURI, Tutushamum; PURI, Xindêda. **Kwaytikindo: retomada linguística Puri.** In: Revista Brasileira de Línguas Indígenas - RBLI. Macapá, v. 3, n. 2, p.77-101, 2020.

PURI UXO TXORI. Retomada Puri Uxo Txori. **Vem aí: Kanduna Puri. Saberes Ancestrais.** Viçosa. 13 de abr. de 2023. Instagram: @retomadapuri. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cq-00iBurjR/?hl=pt&img_index=1 > Acesso em 09 de jul. de 2025.

PURI UXO TXORI. Retomada Puri Uxo Txori. **3o Kanduna Puri**. Viçosa. 4 de abr. de 2025.

Instagram: @retomadapuri. Disponível em:

<<https://www.instagram.com/p/DlBa3zfxikr/?hl=pt>> Acesso em: 09 de jun. de 2025.

SECULT VIÇOSA. Secretaria de Cultura de Viçosa. **2o Kanduna Puri**. Viçosa. 11 de abr. de 2024.

Instagram: @secultvicosa. Disponível em:

<<https://www.instagram.com/p/C5oTB5eRFYK/?hl=pt>> Acesso em 09 de jun. de 2025.

TV ABA. **Pré32RBA - Patrimônios e Museus: Fórum Virtual de Museus Indígenas - Uma Homenagem a Nino Tikuna**. 16 de out. de 2020. YouTube. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=VjUc7plsGME&t=7469s&ab_channel=TVABA.> Acesso em: 28 de jun. de 2025.